

## **AUTOFIÇÃO DA INFÂNCIA NA OBRA DE MARIA TERESA HORTA<sup>1</sup>**

Conceição Flores<sup>2</sup>

**RESUMO:** Maria Teresa Horta (1937) viveu durante um breve período da infância (1941-1942) na ilha do Faial (Açores), onde o seu pai foi médico do exército. Lembranças desse período se fazem presentes em algumas obras de ficção da autora e o nosso objetivo é mapear os trechos que apresentam imagens-lembranças (BERGSON, 1999) evocativas de momentos únicos vividos na ilha e mostrar como essas imagens-lembranças são construídas pela linguagem. O *corpus* de análise é constituído por trechos do romance *A paixão segundo Constança H.* (1994) e dos contos “Lídia”, “Azul-cobalto”, “A ilha” e “Ondas” (2014). O suporte teórico parte do conceito de autoficção (DOUBROVSKY, 1977), isto é, da ficção de fatos e acontecimentos reais e ancora-se na tipologia estabelecida por Vincent Colonna (1989) que define a autoficção biográfica como sendo aquela em que o escritor é o personagem da história que conta e em torno do qual se desenrolam os acontecimentos; e autoficção especular como aquela que é baseada em um reflexo do autor dentro do livro, que comparece em algum canto da obra, e mostra, como se fosse num espelho, a sua presença.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maria Teresa Horta; obra ficcional; imagens-lembranças; autoficção; infância.

**RESUMÉ:** Maria Teresa Horta (1937) a vécu pendant une brève période (1941-1942) de son enfance sur l'île du Faial (Açores), où son père était médecin militaire. Des souvenirs de cette période sont présents dans certaines oeuvres de fiction et notre objectif est de cartographier les passages qui présentent des images-mémoires (BERGSON, 1999) évocant des moments uniques vécus sur l'île et de montrer comment ces images de mémoire sont construites par le langage. Le *corpus* d'analyse est constitué d'extraits du roman *A paixão segundo Constança H.* (1994) et des contes “Lídia”, “Azul-cobalto”, “A ilha” e “Ondas” (2014). Les concepts théoriques de support sont: l'auto-fiction (Doubrovsky, 1977), c'est-à-dire la fiction des faits et des événements réels et la typologie établie par Vincent Colonna (1989). Selon lui l'auto-fiction biographique est celle où l'écrivain est le personnage de l'histoire qu'il raconte, autor duquel les événements se déroulent; l'auto-fiction spéculaire, à son tour, est celle qui montre la présence de l'auteur dans un coin de l'oeuvre, comme dans un miroir.

**MOTS-CLÉS:** Maria Teresa Horta; fiction; images de mémoire; auto-fiction; enfance.

---

<sup>1</sup> Este texto foi apresentado no Congresso Internacional Maria Teresa Horta: de *Espelho inicial* (1960) a *Estranhezas* (2018), realizado em Lisboa, de 7 a 10 de maio de 2019. Programação disponível em [https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2019/05/Programa-Final\\_CongressoMTH\\_May2019.pdf](https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2019/05/Programa-Final_CongressoMTH_May2019.pdf). Acesso em 22 jun. 2020.

<sup>2</sup> Formada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, é Mestre em Literatura Comparada e Doutora em História da Educação pela mesma universidade. Professora aposentada, continua a realizar pesquisas sobre a escrita de autoria feminina, com foco na obra de Maria Teresa Horta. Publicou, em 2001, *Do mito ao romance: uma leitura do evangelho segundo Saramago*; em 2006, *As aventuras de Teresa Margarida da Silva e Orta em terras de Brasil e Portugal*; em 2009, em coautoria com Constância Lima Duarte e Zenóbia Collares Moreira, o *Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade*; em 2014, *Dicionário de escritores norte-rio-grandenses: de Nísia Floresta à contemporaneidade*. Organizou, em 2013, *Mulheres e Literatura: ensaios*; em 2015, *O meu sentido primeiro das coisas: ensaios sobre a obra de Maria Teresa Horta (vol. I)*, em 2019, *O meu sentido primeiro das coisas: ensaios sobre a obra de Maria Teresa Horta (vol. II)*.

## PALAVRAS INICIAIS

entre a angústia e a saudade  
no fragor da inocência  
porque a doçura se lembra

da sua própria infância  
onde se a dor existe  
logo em seguida se incensa  
(HORTA, 2018, p. 103)

Os versos que abrem este texto são do poema “Celebração da vida” de Maria Teresa Horta, publicado em *Estranhezas* (2018) e deixam claro que recordar a própria infância traz sentimentos contraditórios – lembremo-nos que Garrett define a saudade como “Gosto amargo de infelizes / Delicioso pungir de acerbo espinho”. A esses versos recorro para iniciar este texto, cujo *corpus* é constituído pelo romance *A paixão segundo Constança H.* e pelos os contos “Lídia”, “Azul cobalto”, “A ilha” e “Ondas”, obras que apresentam memórias de infância de Maria Teresa Horta referentes ao período (1941-1942) que passou na ilha do Faial (Açores), onde seu pai foi médico do exército no tempo da guerra.

Maria Teresa Horta tinha apenas quatro anos quando chegou ao Faial e lá viveu pouco tempo, mas a permanência na ilha deixou memórias marcantes que a escritora atualiza nas obras citadas. Essas memórias são revividas, porque lembrar é reconstruir, repensar o passado; são selecionadas e constituem o acervo pessoal em que o lugar, a família e os acontecimentos são lembrados pela escrita ficcional. Ficaram armazenadas sob a forma de imagens-lembranças e fazem parte do passado, mas já não o representam, encenam-no e prolongam o seu efeito no presente (BERGSON, 1999). São essas memórias horteanas que integram “um país bem vasto” (LEJEUNE, 2014, p. 25), a autoficção – “ficção, de fatos e acontecimentos estritamente reais” (DOUBROVSKY, 2014, p. 120) – que mergulha o leitor num mundo ficcional em que são perceptíveis as memórias da autora, as quais, para se revelarem, aguardam que o leitor sele o seu contrato de leitura.

O meu contrato de leitura com as obras de Maria Teresa Horta em análise neste texto é perpassado pela afetividade. Partilho das lembranças-imagens evocadas pela autora, porque nasci e cresci na ilha do Faial, envolta pela sedutora paisagem da ilha do Pico, sempre igual e diferente a cada dia; portanto, assumo, com Vincent Jouve (2002), as emoções surgidas a partir da identificação entre o que é narrado e o que foi vivido por mim.

Ordeno, cronologicamente, pela ordem da primeira publicação os textos de Maria Teresa Horta que são analisados aqui, por isso início o percurso por “Lídia”.

## 1. O AZUL DA ILHA

A primeira obra em que essas imagens-lembranças ligadas à ilha do Faial surgem é em “Lídia”, inicialmente publicado em 1985, em *Contos* pela Caminho; no Brasil, só em 2014, integrando *Azul cobalto*, coletânea editada pela Oficina Raquel. Trata-se de um conto fantástico que narra o processo de superação do medo de Lídia, a protagonista, e sua transformação em ser alado.

As memórias da ilha do Faial, conhecida como ilha azul pela abundância de hortênsias, aparecem nesta passagem:

E pensou naquela fotografia onde estava no meio das hortênsias azuis, sorrindo para o pai e para a mãe à sua frente. Lídia sonhara com a ilha dos Açores onde vivera quando era pequena, o mar sombrio todo à roda, a terra a tremer debaixo dos pés, uma duas três vezes, por dia... E as hortênsias, num colorido intenso. (HORTA, 2014a, p. 31).

Quando li o conto, em 2014, publiquei no facebook esse trecho acompanhado de uma foto de um maciço de hortênsias azuis. Na ocasião, Maria Teresa viu a postagem e comentou:

Ali, à beira das hortênsias azuis, só faltou eu, sim, pequenina, de casquinho de um vermelho sanguíneo, a olhar a minha mãe. Sorrindo, porque então pensava que se tinha sempre que sorrir, quando nos tiravam uma fotografia. Mesmo quando se tinha os olhos cheios de lágrimas.<sup>3</sup>

Em Maio de 2019, durante o evento em homenagem à escritora, vi, na exposição “Maria Teresa Horta e a sua obra”, realizada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a foto (fig. 1) a que ela se referia. Era o tempo das fotos em preto e branco, e a menininha está sorrindo, fazendo pose para a câmara, bem compenetrada do seu papel, porque achava que era preciso sorrir quando lhe tiravam fotos.

---

<sup>3</sup> Postado por Teresa Horta no dia 17 de agosto de 2014 no meu facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=881199545224138&set=a.484157154928381&type=3&theater>.

Figura 1. Maria Teresa Horta entre hortênsias



Fonte: acervo da escritora, que gentilmente cedeu a imagem para este trabalho.

O azul intenso das hortênsias espalha-se por toda a ilha, por “estradas e estradas inundadas de hortênsias” (HORTA, 2014a, p. 31) e ficou gravado na memória da escritora que se serve desse acervo pessoal para a escrita ficcional, ou melhor, autoficcional. A narradora elabora essas lembranças da autora para dar conta de detalhes, como na passagem em que nos revela a cor dos olhos da mãe de Lídia: “Azuis, da cor das hortênsias da ilha” (HORTA, 2014a, p. 31). Olhos como os da mãe da escritora, de um azul inconfundível.

## 2. BRUMAS DE DEVANEIO

Se em “Lídia” poucas são as referências à ilha do Faial, em *A paixão segundo Constança H.*, romance publicado em 1994, há diversas passagens em que as memórias da ilha comparecem e compõem a biografia de Constança, a protagonista da obra. A narradora heterodiegética vai apresentando de forma fragmentária detalhes da vida de Constança, que nasceu na Horta (Faial, Açores) – cidade onde também nasceu uma das irmãs de Teresa Horta<sup>4</sup>. A lembrança desse nascimento é ficcionalizada pela autora que, assumindo o papel de narradora, se coloca dentro do livro e, em algumas passagens, reflete a sua presença de forma especular (COLONNA, 2014, p. 53), como podemos ver neste trecho:

<sup>4</sup> A irmã de Maria Teresa Horta nasceu no Hospital Walter Bensaúde, na cidade da Horta, conforme notícia publicada na crônica diária do jornal O Telégrafo do dia 1 de abril de 1942.

No berço, Constança limitava-se a olhar e a temer o escuro da ausência da mãe. Mas o perigo, sabe agora, encontra-se na claridade: a claridade desvenda, acende, incendeia, queima. Vê ainda o raio de sol que um dia, bruscamente, furou a bruma da ilha e foi poisar directo no cimo da ilha em frente, um vulto esguio e azulado, cortado a meio por nuvens tão brancas que faziam doer os olhos. Constança sentiu que o sol exorcizava as feiticeiras, as bruxas, que sempre pensara estarem ali acoitadas. Os anjos. (HORTA, 2010, p. 21-22).

Os Açores, conhecidos como ilhas de bruma<sup>5</sup>, têm uma magia e encantamento que marcaram indelevelmente Maria Teresa Horta, em especial a paisagem feérica que ela avistava da cidade da Horta e que a narradora descreve ao leitor. A ilha do Pico, com sua majestosa montanha, convidava a menina ao devaneio. Quando envolta em tons sombrios, a montanha sugeria à criança ser o esconderijo das bruxas e feiticeiras, mas, quando radiante de sol, elas eram expulsas e os anjos passavam a ser seus senhores. A presença de anjos e seres alados é frequente na obra de Maria Teresa Horta, que, em 1983, publicou *Os anjos*, obra poética, dividida em “Anjos do prazer”, “Anjos do apocalipse”, “Anjos do amor”, “Anjos do corpo”, “Anjos da memória” e “Anjos mulheres”. Essa parte final apresenta os conhecidos versos “Temos um pacto/ com aquilo que/ voa” (2009, p. 544).

Destacamos outra passagem do romance em que Constança, vítima da louca paixão por Henrique, seu marido, está internada num hospital psiquiátrico por ter matado Adele, com quem mantivera uma relação, que espelhava o adultério cometido e confessado pelo marido. A paixão e os ciúmes conduziram-na à vingança e, encarcerada pelo marido, sob a alegação de loucura, é submetida à violência dos tratamentos que a medicina impõe aos “loucos”. A lembrança da ilha do Pico é, então, espaço do sonho, pois lá habitariam bruxas e fadas:

(Raramente isso acontecia, mas às vezes vomitava sobre os cobertores. Então injectavam-na. Que silêncio tão absurdo, pensava nesses momentos, e lembrava-se da ilha do Pico a delinear-se na bruma: azulada, esfumada. Onde imaginara que as fadas se encontravam e as bruxas sobrevoavam as nuvens. Então injectavam-na. Para não a deixarem pensar. (HORTA, 2010, p. 127).

Porque “Voar é gesto da mulher” (CIXOUS, 2010), porque precisamos guardar “[...] a vassoura da Feiticeira, seu elevamento, seus comportamentos, seu voo” (CLÉMENT, *apud* HORTA, 2009, p. 502), a imagem da ilha do Pico configura-se como o espaço do sonho, a fuga do espaço de confinamento para o espaço da liberdade.

Os fragmentos biográficos de Constança são apresentados pelo olhar da irmã mais velha, que relembra detalhes desse nascimento:

---

<sup>5</sup> A designação “Ilhas de Bruma” é tributária do livro homônimo de Afonso Lopes Vieira, publicado em 1917. O micaelense Manuel Medeiros Ferreira compôs, em 1983, “Ilhas de bruma”, a canção mais popular entre os açorianos e a mais representativa da açorianidade.

– O que é? – perguntou a criança quando ouviu a mãe a chorar lá atrás no quarto. Mas quando a mãe gritou foi pior. Depois viu-a sair com o pai para o hospital. [...]. Escutou o bater da porta, empurrou a cadeira pequena, de palhinha entrançada, para junto da janela de vidros quadrados que dava para a rua estreita e tentou encontrar a silhueta da mãe, curvada, amparada pelo pai, a meio daquela noite que se abria já para a bruma clara da manhã. Ouviu atrás de si o ruído fraco das chávenas penduradas no armário de vidrinhos, a chocarem umas com as outras e sentiu o chão a fugir-lhe ligeiramente, debaixo dos pés. (HORTA, 2010, p. 2017).

Maria Teresa Horta tinha apenas 4 anos quando a irmã nasceu, mas guardou na lembrança os acontecimentos marcantes que antecederam esse nascimento, pois, como afirma Bergson (1999, p. 92), “a imensa maioria de nossas lembranças tem por objeto os acontecimentos e detalhes de nossa vida, cuja essência é ter uma data e, conseqüentemente, não se reproduzir jamais”. Os gritos da mãe, a saída de casa e a sua ida para o hospital são narrados pela ótica infantil, que registrou detalhes de um episódio familiar significativo ocorrido na primavera de 1942, em que até tremores de terra são registrados pelo tilintar das chávenas penduradas no louceiro.

E o Pico, “ilha sempre coberta pelas nuvens que uma vez por outra lhe destapavam o cimo, descendo em torno do seu dorso como se fossem anéis” (HORTA, 2010, p. 218), mais uma vez surge na narrativa. Maria Teresa Horta, enquanto viveu na Horta, avistava das janelas da casa onde morava essa ilha fabulosa, que, consoante o tempo, vai mudando (é o barómetro dos faialenses) ao longo do dia e dos dias, apresentando-se de forma sedutora e misteriosa, o que provocava o imaginário infantil de Maria Teresa Horta, criança sensível e inteligente. Dessas imagens, guardadas na memória, se pode dizer que:

Certamente são imagens de sonho; certamente costumam aparecer e desaparecer independentemente de nossa vontade; e é justamente por isso que somos obrigados, para saber realmente uma coisa, para tê-la à nossa disposição, a aprendê-la de cor, ou seja, a substituir a imagem espontânea por um mecanismo motor capaz de supri-la. (BERGSON, 1999, p. 92).

Maria Teresa Horta é a menina que vivenciou o nascimento de sua irmã e são essas lembranças que são usadas para construir aspectos da personagem Constança. A escritora presenciou as cenas traumáticas que descreve neste romance, que é escrito num processo de transferência psicanalítica, libertador dos traumas de infância. Lembro que a mãe da escritora tem uma centralidade na sua obra, como podemos acompanhar não só pelas publicações que

lhe são dedicadas<sup>6</sup>, mas também pela sua presença em contos e neste romance. Lembro ainda que este é um dos romances dedicados a Maria José Vidigal, que foi psicanalista da escritora. Provavelmente, as imagens da infância terão sido reconstruídas durante o processo de psicanálise e constituem um acervo pessoal que aflora na composição de personagens, procedimento catártico de rememoração que transparece na autoficção especular de Maria Teresa Horta.

### 3. AZUL INSULAR

“Azul cobalto”, publicado inicialmente em 1999, em *Doze histórias de mulheres* pela Dom Quixote, foi editado no Brasil pela Oficina Raquel, em 2014. Nesse conto, escrito na primeira pessoa, as lembranças da ilha do Faial estão centradas na figura da mãe e são narradas as dolorosas lembranças da relação de amor e ódio que a menina sentia pela mãe<sup>7</sup>. O *leitmotiv* “Devia tê-la morto./ Devia tê-la afogado no banho.” mostra o conflito da narradora que se serve das lembranças da autora para a escrita do conto (cf. HORTA, 2014a, p.161, 168, 171, 174).

Como o título do conto revela, é a partir do azul-cobalto que a narrativa se desenrola. Esse azul intenso é a cor das hortênsias mais bonitas, dos olhos da mãe e também o “tom do mar que bramava, sem descanso, batendo no paredão”. E a narradora recorda o Largo do Infante: “A estátua do Infante D. Henrique encimava o largo com bancos de madeira pintada, virados para as ondas”, cenário que é retomado no conto “Ondas”. Também relembra como “a mãe detestava a ilha”, parecendo um “animal selvagem em cativeiro”, com “o olhar cruel cada vez mais enlouquecido. /Agressivo.”, que só se acalmou no dia em que mãe e filha tomaram o “hidroavião de volta a Lisboa”<sup>8</sup> (HORTA, 2014a, 178).

A Horta é uma pequena cidade encantadora, com uma paisagem única. Porém os dias sombrios em que nem se avista o Pico também são frequentes, o que intensifica a sensação de isolamento insular. Provavelmente, essas variações climáticas e uma possível depressão pós-parto contribuía para que a mãe se sentisse confinada e detestasse a ilha. Sair da ilha era,

---

<sup>6</sup> Assinalo que o livro de poesia *Minha mãe, meu amor*, publicado em 1984, como indica o título, é dedicado à mãe; o romance *Emma*, publicado em 1985, também lhe é dedicado.

<sup>7</sup> Maria Teresa Horta, como indiquei anteriormente, dedica algumas obras à mãe, que também aparece como personagem em vários contos, entre eles, “Transfêrt”, publicado em *Azul Cobalto* (2014a); “Eclipse”, “Maria do resgate”, “Azul-da-China”, “Perecível”, publicados em *Meninas* (2014b).

<sup>8</sup> O jornal *O Telégrafo* de 16 de setembro de 1942 noticiava que Carlota M. Horta, mãe de Maria Teresa Horta, embarcou com o filho – gralha do jornal – posto que quem embarcou com a mãe foi a filha, Maria Teresa Horta, então com 5 anos de idade. Seguiram no hidroavião *Atlantic Clipper* para Lisboa.

então, abandonar o confinamento imposto pelos limites territoriais e alhear-se da família que era “o seu único acidente real” (HORTA, 2014, p. 170). E a porta de saída mais rápida eram os hidroaviões, que faziam as ligações entre a Europa e América do Norte e que escalavam o porto da Horta. Sair da ilha era, então, ir para a Lisboa glamorosa dos encontros com as amigas e com os homens que a idolatravam.<sup>9</sup>

#### 4. SOBRE AS ÁGUAS

A imagem do Largo do Infante, sala de visitas da Horta, é novamente o cenário onde se desenrola “Ondas”<sup>10</sup>, publicado em *Meninas*, livro editado pela Dom Quixote, em 2014, e que ainda se encontra inédito no Brasil. O conto narra, em primeira pessoa, um acidente ocorrido a Matilde, *alter ego* de Maria Teresa Horta.

Estavam sentadas avó e neta num banco virado para o mar, quando a menina sentiu “o chão a mover-se debaixo dos [...] pés, num repuxar diferente dos tremores de terra [...]” (HORTA, 2014b, p. 48). Devido aos frequentes abalos de terra, a estrutura de cimento onde assentava o banco em que a avó e a neta estavam cedeu e a menina ia caindo no mar. Este acontecimento é rememorado no conto pela narradora/Matilde/Teresa Horta, por meio do entrelaçamento de intertextos literários célebres. Assim, a tragédia de Ofélia, de *Macbeth* de Shakespeare, é revivida pela narradora que, no presente, partilha com o leitor a célebre cena do afogamento: “A imaginar-me já afogada, vogando sem fim à superfície das águas, como se do fundo da memória dos séculos me chegasse a imagem de Ofélia.” (HORTA, 2014b, p. 49). O conto também é entretecido com a figura de Virginia Woolf que, em março de 1941, lançara-se “em águas outras de lodo e rio” (HORTA, 2014b, p. 49), pondo fim à vida.

Matilde ora se sente como “uma menina débil no meio da correnteza dos ventos que se entrecruzavam”, ora “suspensa no ar / como um anjo/ e à [...] [sua] frente, misteriosa e incerta por entre neblinas e brumas, mas jamais tão perto,/ a ilha do Pico/ como se fosse da condição de destinos e sagas, de onde tivesse de voar para ela”. Essa paradoxal situação em que a “menina de cinco anos solitários e inventivos” (HORTA, 2014b, p. 50) viveu é ficcionalizada pela narradora, constituindo o subsolo literário de onde emerge a escrita

---

<sup>9</sup> Azul cobalto é um conto profundamente doloroso, que mostra a relação de amor e ódio da narradora com a mãe, mulher esplendorosamente bela, que amava a vida glamorosa da sociedade lisboeta que frequentava.

<sup>10</sup> O conto é homônimo do romance de Virginia Woolf publicado em 1931. No conto “Ondas” (cf. p. 49), Maria Teresa Horta transcreve um trecho do romance de Virginia Woolf. O texto está em itálico e tem uma nota de rodapé que especifica tratar-se de citação de *As ondas*.



autoficcional especular, onde Maria Teresa Horta reflete a sua presença por meio de Matilde, a narradora.

## 5. PROCISSÃO

Fechando este ciclo de narrativas, em que as memórias de infância de Teresa Horta referentes ao tempo que passou na ilha do Faial estão presentes, o conto “A ilha”. “Folheando a memória” (HORTA, 2014b, p. 37), a narradora autodiegética rememora o episódio acontecido durante a procissão do encontro entre o Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores realizada no domingo de Ramos. A narrativa se inicia com a advertência do pai à menina: “– *Ficas quieta, à varanda com a tua avó, a ver passar a procissão, sem desassossegos*” (HORTA, 2014b, p. 37; itálico da autora), *leitmotiv* que abre os três capítulos que o conto apresenta; a segunda parte do conto abre com “– *Ficas quieta, à varanda com a tua avó, a ver passar a procissão, sem armares confusões!*” (HORTA, 2014b, p. 40); a terceira parte, com “– *Ficas quieta, à varanda com a tua avó, a ver passar a procissão, sem arrebatamentos!*” (HORTA, 2014b, p. 42).

A menina é figura central e é pelos olhos da criança que a sua família nos é dada a conhecer. Primeiro, a mãe, personagem cara a Teresa Horta, que já lhe dedicou uma obra e que está presente em outras (cf. as notas 5 e 6), tem “olhos de sereia arredia e fatal” por quem a criança nutre sentimentos contraditórios – fascínio, medo e ódio –, por isso naquele Domingo de Ramos foge dela para não “ficar presa do seu feitiço” (HORTA, 2014b, p. 38). O pai, personagem “quase” ausente da obra da escritora, mas cujas características se apresentam diluídas no romance *Ema*, é médico do exército e é entrevistado no seu escritório que “cheira a cadernos e a livros, a tinta do tinteiro e da caneta com que escrevia as receitas e outros papéis” (HORTA, 2014b, p. 38). A avó paterna, Camila Horta, sufragista, figura tão cara à escritora e que comparece em alguns de seus escritos; neste conto, a presença dela se dá pelos cheiros e barulhos que vêm da cozinha, onde ela prepara a ambrosia, esse manjar dos deuses, cujo cheiro “fazia crescer água na boca” da menina. Mas esta é uma narrativa em que cheiros marcam presença, pois além dos que vêm da cozinha, há o “cheiro a mar”, a maresia, que invade “tudo na ilha do Faial”, e é inesquecível para todos os faialenses (HORTA, 2014b, p. 38). Há ainda a presença dos tremores de terra “espécie de arrepios da própria casa” (HORTA, 2014b, p. 40), que não assustam a menina.

É nesse ambiente que se move essa criança “arisco e fugidia”, “bicho-do-mato”, como era acusada, que, movida pelas vozes que vinham da rua e pela música cadenciada da banda que acompanhava a procissão, desce as escadas “de roldão” (HORTA, 2014b, p. 42) e acaba inserindo-se no cortejo, fascinada pelos anjos que seguiam o andor do Senhor dos Passos. Essa imagem que a menina conhecia da “igreja de Benfica”, onde ia com a avó, era “terrífica” e a aterrorizava. Mas a do andor do Faial “era bem menos aterradora” e além disso havia os anjos que a fascinavam, que a “esperavam” (HORTA, 2014b, p. 43).

Fascinada, a menina corre “como quem persegue um sonho numa pressa voada” por entre os anjos, imaginando “como seria bom voar com eles”. De repente, a magia é quebrada pela brusca chegada do pai que a pega e a aperta de encontro ao peito, interrompendo, assim, o sonho da menina que na sua “fútil ousadia” atrevera-se a perseguir o sonho de voar (HORTA, 2014b, p. 44). O pai exerce o papel repressivo e a sua autoridade é como a de “um Deus zangado” que com sua “mão castigadora” traz a menina de volta realidade (HORTA, 2014b, p. 44).

## **ALGUMAS CONCLUSÕES**

Os textos analisados mostram que o período vivido por Maria Teresa Horta na ilha do Faial deixou na escritora imagens-lembranças marcantes que fazem parte do seu acervo memorialístico e que constituíram matéria-prima para a sua ficção, ou melhor, para a sua autoficção. Considerando com Eurídice Figueiredo (2013, p. 58) que “a autoficção, gênero pós-moderno de fronteiras porosas, em que elementos autobiográficos hibridizam o imaginário” vimos que as imagens-lembranças da menina de outrora se transformaram em textos literários, que mergulham o leitor nessas vivências ora ficcionalizadas.

Essa escrita de si apresenta-se como uma autoficção especular (COLLONA, 2014), posto que é baseada em reflexos da autora dentro das obras. Maria Teresa Horta comparece em algum canto da obra, e mostra, como se fosse num espelho, a sua presença. Assim é com Lídia, Constança e Matilde, personagens que são um reflexo da autora que usando a máscara de narradora lhes dá vida a partir de suas vivências. Quanto aos contos “Azul-cobalto” e “Ilha”, que apresentam narradoras autodiegéticas, trata-se de autoficções biográficas (COLLONA, 2014), dado que a escritora é a personagem da história que conta e em torno da qual se desenrolam os acontecimentos.

A imagem da ilha do Pico, paisagem fascinante vista da cidade da Horta, está presente em diversas passagens do romance *A paixão segundo Constança H*, constituindo para Constança H o espaço do devaneio, onde a personagem se refugia. Naquela ilha habitariam fadas, bruxas e anjos, seres alados representativos da liberdade almejada pela protagonista confinada no hospital psiquiátrico.

As hortênsias, flores que dominam a ilha com os seus azuis, comparecem em “Lídia” e em “Azul-cobalto” e estão associadas à cor dos olhos da mãe de personagens, à cor dos olhos da mãe de Teresa Horta. Acresce dizer que, como vimos e comentamos, a mãe tem uma centralidade na obra da escritora e no *corpus* aqui em análise só não está presente no conto “Ondas”.

A fechar este texto deixo-vos o poema “Trajecto na escrita” de Teresa Horta, em que a autora mostra como vida e obra se entrelaçam:

Vou entrançando  
o traçado  
do meu trajecto na escrita

Consulto os mapas da alma  
o júbilo, a assombração  
do coração a desdita

os atlas da insubmissão  
as cartas dos oceanos  
os versos, a alegoria

Vou navegando à bolina  
por entre ventos contrários  
e ondas enraivecidas

com a bússola da transgressão  
os astrolábios dos dias  
e as palavras da poesia

Vou atando e desatando  
o destino e a desdita  
misturando os nós dos mares

com o anelo da paixão  
o alvoroço da vida  
as dúvidas da harmonia

e a minha melancolia  
(HORTA, 2018, p. 20-21)

**REFERÊNCIAS:**

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CIXOUS, Hélène. *Le rire de la Méduse*. Paris: Galilée, 2010.

COLONNA, Vincent. Tipologia de autoficção. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *Ensaaios sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014, p. 39-66.

DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *Ensaaios sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014, p. 111-125.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho*: autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

HORTA, Maria Teresa. *Estranhezas*. Lisboa: Dom Quixote, 2018.

\_\_\_\_\_. Lídia. In: \_\_\_\_\_. *Azul cobalto*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014a, p. 9-36.

\_\_\_\_\_. Azul-cobalto. In: \_\_\_\_\_. *Azul cobalto*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014a, p. 161-183.

\_\_\_\_\_. A ilha. In: \_\_\_\_\_. *Meninas*. Lisboa: Dom Quixote, 2014b, p. 37-45.

\_\_\_\_\_. Ondas. In: \_\_\_\_\_. *Meninas*. Lisboa: Dom Quixote, 2014b, p. 47-50.

\_\_\_\_\_. *A paixão segundo Constança H*. Lisboa: Bertrand, 2010.

\_\_\_\_\_. Os anjos. In: \_\_\_\_\_. *Poesia reunida*. Lisboa: Dom Quixote, 2014, p.501-545.

\_\_\_\_\_. Sufragista. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, p. 44, 7-20 de dez. 2005.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. Trad. de Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

LEJEUNE, Philippe. Autoficções & Cia: Peça em cinco atos. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *Ensaaios sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014, p. 21-37.

*Recebido em: 18/07/2020*

*Aprovado em: 19/10/2020*

*Publicado em: 11/12/2020*